Cafeicultura

IMPACTOS DA SECA NA SAFRA BRASILEIRA

Breno de Mesquita[1] Natália Fernandes[2]

APÓS A forte desvalorização da saca de café em 2013, o mercado reverteu a tendência de queda neste início de 2014 devida à estiagem registrada no Brasil. As altas temperaturas e o baixo volume de precipitação nas principais regiões produtoras de café no País prometem causar perdas significativas à safra a ser colhida em 2014. Assim, o prognóstico é de prejuízo para o produtor, a não ser que haja uma reação dos preços.

A severidade dessa seca é considerada inédita para este período do ano. Muito baixa em fevereiro, a chuva ficou em 20% da média histórica nas principais regiões produtoras. De acordo com a SOMAR Meteorologia, os dois primeiros meses de 2014 foram os mais secos em trinta anos no País. Isso prejudicou a granação dos grãos, deixando-os ocos e chochos.

Segundo a Fundação Procafé, a quebra da safra poderá chegar a até 20% nas principais regiões produtoras, como norte do Paraná, Mogiana e Alta Mogiana de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Em algumas áreas, como as Matas de Minas, as perdas podem atingir até 30%. Já, no Cerrado mineiro, onde algumas lavouras são irrigadas, esse percentual será menor.

Para as lavouras mais novas, as perdas poderão chegar a 50%, segundo relatos de produtores e informações da Cooxupé. Além das perdas nos aspectos produtivos, há também registros das perdas vegetativas, como a escaldadura, em diversos níveis, com queima de folhas e até de frutos.

Os efeitos da atual seca serão sentidos na próxima safra 2015/16. O crescimento dos ramos da planta será afetado, assim como o da chamada gema floral; é nesta que se formam os novos botões de flores, que se transformarão em frutos no ano que vem.

A Procafé reduziu a estimativa do próximo ano para entre 38,7 e 43,6 milhões de sacas, diante da projeção inicial de 43 a 44 milhões de sacas. O tempo frio, em junho e julho, também ajudou a danificar os cafezais brasileiros, alertam especialistas do Citigroup.

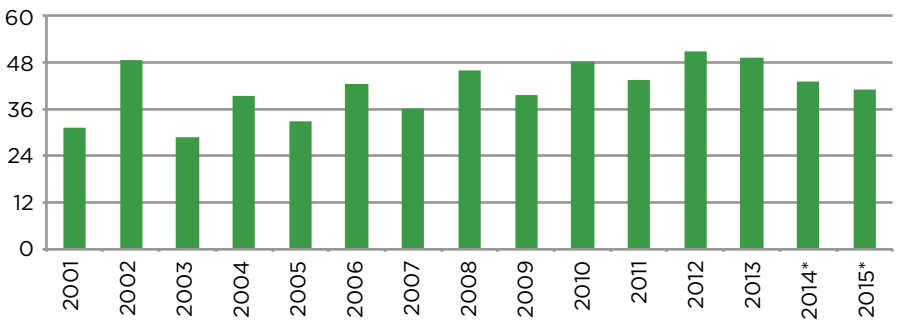
O tempo seco também impediu o cumprimento do calendário recomendado de adubações. A maior parte dos cafeicultores realizou apenas a adubação de novembro, alguns poucos realizaram a de dezembro e pouquíssimos, a de janeiro. A má nutrição das plantas poderá agravar ainda mais os problemas de granação.

Com muitos grãos não granados e outros muito miúdos, fica inevitável a quebra da safra. Isso incentiva *traders* a se manterem na ponta compradora, dando força aos movimentos de alta.

Tanto no mercado interno, como no externo, as cotações do produto mostram firmeza durante o primeiro semestre do ano. Mesmo diante da forte valorização da saca de café, os produtores enfrentam sérios problemas nesta colheita, que poderão comprometer sua renda.

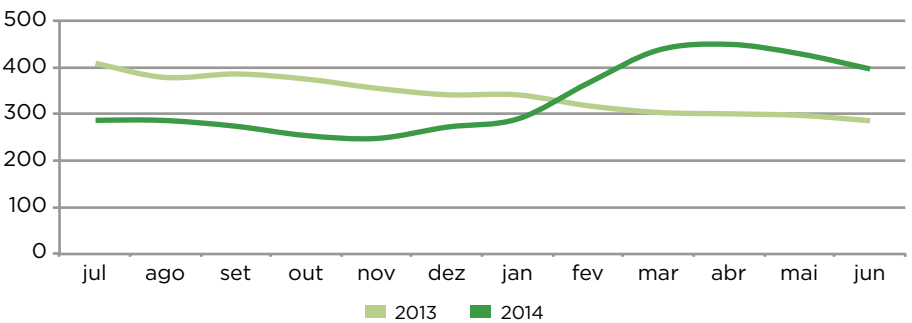
Dado que não há como distinguir os grãos chochos dos granados quando estão na árvore, o produtor fica obrigado a fazer a colheita completa da lavoura. Só no momento do beneficiamento, será possível mensurar as perdas decorrentes dos grãos que não granaram, quando os gastos da colheita já foram feitos, sem a totalidade do volume colhido para comercializar.

BRASIL: PRODUÇÃO DE CAFÉ (MILHÕES DE SACAS)



*Estimativa
Fonte: Conab; Procafé

SÃO PAULO: PREÇO MENSAL DO CAFÉ ARÁBICA (R$/SACA)



Fonte: Cepea/Esalq-USP

Normalmente, é necessário um volume de 500 litros de café cereja para preparar uma saca de 60 quilos de café beneficiado. Com essas dificuldades e perdas de qualidade, os técnicos estimam a necessidade de uma quantidade maior*.

Baseado no Campo Futuro (CNA/CIM-UFLA), o custo operacional total (COT) de uma saca de 60 quilos de café, em uma região do sul de Minas, como Santa Rita do Sapucaí, é, em média, de R$ 458,36. Caso se considere que serão necessárias 100 litros a mais para se completar uma saca, o COT de uma saca da safra 2014/15 seria de R$ 550,03.

Com a saca de café cotada a R$ 532,13 para setembro de 2014 (contrato BM&FBOVESPA, a US$ 239,70 e com o dólar a R$ 2,22) e sem a quebra de safra, o produtor teria uma Margem Líquida (ML = Preço - COT) de R$ 73,77. Com a quebra de safra, a ML negativa, de R$ 17,90, não remunera a atividade. Portanto, mesmo com a forte valorização das cotações, o cafeicultor poderá ter a sua renda comprometida. ■

* O rendimento do beneficiamento é calculado com base na quantidade de balaios com 60 litros padrão para produzir uma saca de café beneficiado. Esta proporção pode variar de acordo com o estado do café.

1 Presidente da Comissão Nacional do Café
2 Assessora técnica da Comissão Nacional do Café

Preço mínimo do café

O Conselho Monetário Nacional (CMN) anunciou, em 25 de abril último, um reajuste de 15,48% no preço mínimo do café Conilon, que saiu de R$ 156,57 para R$ 180,80 por saca. Com o apoio do Conselho Nacional do Café (CNC), a Secretaria de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPAE/MAPA) e o Ministério da Fazenda atenderam um pleito da cafeicultura capixaba.

Essa elevação se fazia necessária, haja vista que a cotação mínima estava congelada desde 2009, quando havia sido reajustada de R$ 124,40 para R$ 156,57, sendo que os custos de produção da variedade Robusta também apresentaram crescimento, conforme análises da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Embora a solicitação do café Conilon tenha sido atendida, o Governo ainda precisa honrar seu compromisso com a cafeicultura do Arábica. Nas reuniões que o CNC coordenou junto aos Ministérios vinculados ao setor, houve comprometimento para a elevação dos preços mínimos de ambas as variedades na mesma proporção. Dessa maneira, o setor produtivo cobra dos governantes o reajuste no preço da variedade Arábica, fazendo uma aproximação do valor defasado com o custo real de produção.

O atual preço mínimo do Arábica é de R$ 307,00 por saca – reajustado no ano passado, após congelamento desde 2009, quando equivalia a R$ 261,69. Esse valor está bem abaixo dos gastos para se cultivar. A tabela de custo médio apresentada à época era de R$ 343,00. Como não houve cumprimento por parte dos Ministérios envolvidos com a correção de preços no Arábica, os produtores convivem com um endividamento crônico.

Fundo de Defesa da Economia Cafeeira

O Conselho Monetário Nacional (CMN) também definiu, conforme a Resolução BACEN nº 4.325, a distribuição dos valores para as linhas de crédito do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé).

Neste ano, mesmo contando com um orçamento recorde do Funcafé para o setor, os representantes da produção manifestaram descontentamento em relação ao anúncio parcelado dos recursos. O governo federal comunicou a disponibilidade de verba para as linhas de capital de giro somente três meses após ter informado o montante destinado aos outros financiamentos. O setor entende que, por se tratar de um fundo de caráter social e composto por capital da própria cafeicultura, os recursos devem ser anunciados e disponibilizados de maneira única, evitando especulações em um mercado já bastante especulativo por natureza.

Até o dia 14 de julho, o governo federal havia repassado R$ 1,826 bilhão do Funcafé aos agentes financeiros que manifestaram interesse e firmaram contratos para operar com os recursos na safra 2014. Do montante transferido, R$ 812 milhões foram para a linha de Estocagem; R$ 544 milhões para Custeio; R$ 368 milhões para Aquisição de Café (FAC); R$ 79 milhões à linha de Capital de Giro para Cooperativas de Produção; R$ 17 milhões para Indústrias de Solúvel; e R$ 6 milhões para as de Torrefação.

FUNCAFÉ: LINHAS DE CRÉDITO PARA 2014

Linha	Valor
Custeio	R$ 845 milhões
Estocagem	R$ 1.300 milhões
FAC (Aquisição de Café)	R$ 750 milhões
Contratos de Opção e Operações em Mercados	R$ 10 milhões
Recuperação de Cafezais Danificados	R$ 20 milhões
Giro produção	R$ 400 milhões
Giro solúvel	R$ 200 milhões
Giro T&M	R$ 300 milhões
TOTAL	R$ 3.825 milhões